

Capim Limão:
**Ensaio sobre produção do conhecimento,
material didático e outros textos**

Organização:
Maurício Castanheira

Copyright© 2015 Maurício Castanheira (Organizador)

Título Original: Capim Limão: Ensaios sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos

Editor: André Figueiredo

Editores Eletrônicos: Luciana Lima de Albuquerque

Revisão técnica: Alline Viana e Rafael Alvarenga

Conselho Editorial:

Antonio José Caulliraux Pithon (CEFET/RJ)

Antonio Martinez Fandino (UFRRJ)

Lélio Moura Lourenço (UFJF)

Maurício Castanheira (CEFET/RJ)

Míriam Carmen Maciel da Nóbrega Pacheco (CEFET/RJ)

Mírian Paura Sabrosa Zippin Grinspun (UERJ)

C346 Castanheira, Maurício

Capim limão: ensaios sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos / Organizador: Maurício Castanheira. — Rio de Janeiro: Publit, 2015.
280 p. ; 25 cm.

ISBN 978- 85-7773-857-1

Inclui bibliografia

1. Educação - Brasil. 2. Filosofia da Educação. 3. Produção do conhecimento. I. Título.

CDD 370.10981

CDU 37(81)

PUBLIT SOLUÇÕES EDITORIAIS

Rua Miguel Lemos, 41 salas 711 e 712

Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.071-000

Telefone: (21) 2525-3936

E-mail: editor@publit.com.br

Endereço Eletrônico: www.publit.com.br

Sumário

Breve explicação sobre a escolha do Capim Limão	7
Rafael Alvarenga	
APRESENTAÇÃO	9
Rafael Mello Barbosa	
PREFÁCIO.....	11
Maurício Castanheira	

Textos sobre produção social do conhecimento

A BUSCA PELA FELICIDADE: UM CONCEITO FILOSÓFICO PARA SE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	21
Angélica Lino Pacheco Paiva	

A FILOSOFIA AFRICANA FILOSOFIA AFRICANA: AFIRMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DE SUA EXISTÊNCIA.....	38
Katiuscia Ribeiro	

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: APRENDIZAGEM E TRANSMISSÃO.....	53
Maria de Lourdes Bastos e Alline Soares Viana	

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	73
Miguel Angelo Castelo Gomes	

O MITO DE SÍSIFO ENQUANTO BASE DO PENSAR EXISTENCIAL.....	84
Patrícia dos Reis Costa de Arruda	

A CRISE COMO OPORTUNIDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO CEFET A PARTIR DA FILOSOFIA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS	99
Wagner de Moraes Pinheiro	

Textos sobre a relação ensino-aprendizagem, material didático e cultura africana

A GRAMÁTICA E A BOLA.....	113
Rafael Alvarenga	

A FELICIDADE COMO PROJETO POLÍTICO DE TODOS OS TEMPOS: A SUBMISSÃO DO REI AO PAPA NO *DE REGNO*122
Elza Aparecida Feliciano

APRENDIZAGEM ORGÂNICA: APONTAMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM EM ARISTÓTELES130
Erivelton Rangel Izaias

O QUE É DESIGN INSTRUCIONAL.....138
Gabriel Neves

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA BREVE REFLEXÃO147
Gisele Ferreira da Silva

O CONTINENTE AFRICANO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO APÓS A CRIAÇÃO DA LEI 10.639/03: UM ESTUDO DE CASO.159
Victor Hugo Beňák de Abreu

Textos sobre Filosofia dos Docentes do PPFEN

PHANTASIA: A PALAVRA E O CONCEITO173
Felipe Gonçalves Pinto

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA: REFLEXÕES SOBRE AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS *MEDITAÇÕES METAFÍSICAS*.182
João André Fernandes da Silva

FILOSOFIA E FILOSOFAR214
Josemir Nogueira Teixeira

EDUCAÇÃO E SINGULARIDADE: “DAR ESTILO AO SEU CARÁTER”233
Luis Cesar Fernandes de Oliveira

O PAPEL DA TOLERÂNCIA NAS LUTAS POR RECONHECIMENTO.245
Marcela Borges Martinez

ALGUMAS DAS DIFICULDADES QUE DEVEM SER CONSIDERADAS ANTES DE ABRIR A FÍSICA DE ARISTÓTELES.....258
Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ/OUSIA)

HABERMAS, O DISCURSO CIENTÍFICO E A ESFERA PÚBLICA.....270
Taís Silva Pereira

O MITO DE SÍSIFO ENQUANTO BASE DO PENSAR EXISTENCIAL

Patrícia dos Reis Costa de Arruda

“A vida é a soma de suas escolhas” (Albert Camus)

Apresentação do autor

A pedra sempre foi empurrada para o alto da montanha. Viver para o campo da educação tornou-se uma escolha que definiu a própria vida. Atuar com jovens carentes ainda na graduação mostrou o os grandes desafios que giram em torno do viver de qualquer professor – seja ele engajado com as questões sociais, seja o mesmo alheio a qualquer movimento político/social. Neste sentido, a prática com adolescentes com seus grandes conflitos foi a primeira reflexão prática do que significara de fato estar no campo da educação. Contudo, foi na prática com as crianças na faixa dos 4 anos, abertos para o mundo, prontos para novas condições de possibilidade do Ser, que a prática filosófica começa a fazer sentido. O esverdear do verde ao longo do ano, o verdadeiro significado do número zero e as narrativas que giram em torno de todo e qualquer conteúdo ou temática apresentada às crianças ganham um sentido tão profundo que passaram a ser imediatamente filosóficos – o saber pleno, a apresentação de pontos de vistas divergentes, a aceitação de opiniões fundamentadas passam a ser feitas de modo sistemático da mesma forma que a filosofia passa a nascer no indivíduo, mesmo que ocorra de modo intuitivo. Com a inserção no curso de pós graduação em ensino de filosofia na prática docente e mais recentemente, no curso de mestrado em filosofia e ensino, foi possível sistematizar e mediar os elementos norteadores nas crianças e jovens de modo consciente, passando então a colocar a base filosófica no centro de todo processo de aprendizagem.

Resumo: Entrelaçar os elementos filosóficos à própria prática filosófica apresenta-se enquanto condição essencial para a prática filosófica propriamente dita. A partir da leitura e análise do mito de Sísifo realizada ao longo das aulas de Filosofia no ensino fundamental, foi possível extrair determinados elementos de reflexão que dizem respeito à própria prática diária de nós seres humanos, que vivemos entre a ideia de vida e morte, erro e acerto, premiação e castigo. Fundamentado na concepção própria de mito no pensamento grego foi possível estabelecer o entendimento prático sobre o conteúdo teórico que absorvemos diante da leitura e foi possível ser adaptada à realidade não

somente dos alunos e sim a do professor ao longo da produção deste ensaio. Pretende assim transmitir a base de um pensar que gira em torno da questão da existência do próprio homem a partir da leitura de mundo de um grupo de crianças na faixa dos 10 anos unida a de uma professora de filosofia na qual o aprendizado sobre os elementos deste mito está sendo construídos conjuntamente, dada a união de leituras de obras voltadas para a temática exposta – a mitologia.

Considerações iniciais

Olhar para a questão existencial, ainda é uma tarefa extremamente difícil àquele que se propõe a olhar para a tradição filosófica, sobretudo no que se diz respeito à mitologia grega. Contudo, quando se estuda os elementos mitológicos com a ótica filosófica, é necessário observar os elementos essenciais que nelas estão inseridos, como forma de trazer ao homem a razão do pensar ainda que com elementos alegóricos. O que previamente parece ser mais um mito grego, auto representa-se enquanto uma manifestação de elementos contemporâneos ligados a questão do fazer compreender-se enquanto humano, uma vez que este aparece como o sujeito da ação de si, entendendo como aquele que existe a partir de suas próprias ações.

O que estamos tentando expressar nesta apresentação é a mediação que o existencialismo coloca em todo o processo de construção do mito de Sísifo. Os elementos que vão para além do pensamento ideológico-marxista, constroem indivíduos que se dão conta de sua trágica existência a partir da repetição. Quem garante este movimento repetitivo enquanto fonte reflexiva é o sujeito que se permite ter a experiência própria do sofrer – sentimento este que a maioria dos indivíduos negam-se em encontrar. Os gregos é o grupo que se tem conhecimento do encontro com o trágico, no sentido que o conhecimento do real se daria somente com a imanência deste sentido. Sísifo sabia deste fato, e por isso permitiu-se condenar para compreender melhor a si mesmo, e desta forma passou a existir mais que os outros.

Pode até parecer uma forma de segregação a afirmativa exposta nas linhas finais do parágrafo anterior. Contudo, tanto a tradição filosófica, quanto Nietzsche chama a atenção para o fato de a tragédia constituir-se como uma forma de sentimento que traz certo nível de reflexão. Camus parecia ter consciência deste fato, no sentido que cria Sísifo como um indivíduo que auxiliando os demais, despertou a ira de Zeus e de Hades, de modo que foi somente Hermes que conseguiu condená-lo, de fato. O personagem de Camus era um rei, conhecido já por ser o mais habilidoso e esperto dos homens. Somente pelo fato de ser considerado mais atento pelos outros, já faz de Sísifo

um homem diferente de todos os demais. Porém, quando ele recebe a condenação ele demonstra a toda a humanidade o quanto estão fadados a existência absurda de ser humano, na qual quando se encontra os sentidos, encontra-se também a força para passar a eternidade condenatória.

A seguir, serão apresentados a construção filosófica a partir dos próprios elementos filosóficos existencialistas dos elementos do mito de Sísifo, estimulando assim as bases essenciais para pensá-lo do agir humano, a partir de seus próprios sentimentos. Procurar compreender elementos intrínsecos no mito, tais como a filosofia do absurdo, a ideia do suicídio e até mesmo as formas de devir contribuem para uma construção mitológica contemporânea, a partir do próprio mito de Sísifo.

Sobre o nosso entendimento de mitologia

A palavra mito é um termo ligado ao verbo *mythero* que significa a criação de uma história imaginária. Dicionário etimológico. Para Zacharakis, mito é uma criação imaginária, que se refere a uma crença, a uma tradição ou a um conhecimento. Partindo da própria etimologia do termo, é possível conceber a ebulição sob o qual o mito está emerso. Observar que a mitologia grega se relaciona com uma série de âmbitos da vida helênica, sugere à complexidade em querer compreendê-la como constitutiva da vida do homem grego. Observá-la em uma miscelânea de fatos sugere a junção de um modo de ser – que não será formulada a partir do grego, e sim do sujeito grego.

O próprio autor nos chama a atenção para a força da mitologia no desenvolvimento no pensamento grego. Para Zacharakis, o mito “*estuda a sua procedência, seu significado, sua interpretação e oferece as informações básicas sobre origem, crença e o desenvolvimento sócio político de um povo*”. Partindo da função do mito estabelecida pelo autor, pretende-se aqui percorrer o caminho que o próprio grego percorre para chegar ao pensamento filosófico.

Obviamente, dita de maneira geral, a mitologia não será uma manifestação própria dos gregos – mas será com os gregos que a mitologia estará sob a égide híbrida, isto é, com uma forma de “religiosidade” em que a sua própria convicção se confunde com o pensamento e a narrativa mítica. É notório nas linhas expostas por Vernant, no que diz respeito ao modo de ser religioso dos gregos, que este povo possui uma forma muito íntima de ser – modo este que é possível que se afaste de todas as outras culturas daquele período. Segundo o autor, a religião clássica grega “*mergulha suas raízes numa tradição que engloba a seu lado, intimamente mesclados a ela, todos os outros elementos constitutivos da civilização helênica, tudo aquilo que dá a Grécia das cidades-Estado sua fisionomia própria, desde a língua, a gestualidade, a maneira de sentir, de pensar, até os sistemas de valores e as regras da vida coletiva*”.

Ao que parece, para o grego, ou ao poeta grego, cada elemento, cada símbolo de seu povo, era digno de ser cantado, portando narrado para ser ensinado aos príncipes e por extensão, ao próprio povo.

A força religiosa é apresentada de forma não linear no desenrolar da civilização grega, isto, é como uma teia de relações. O que é possível perceber é que certas ausências de instrumentos e atores (livro sagrado, casta sacerdotal...) que permitiram o florescimento de uma ciência. Nas palavras de Vernant “*a tradição religiosa não é uniforme nem estritamente determinada; não tem nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado, sem igreja, a religião grega não conhece livro sagrado no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto*”. Desta forma, o grego possui elementos determinantes para despertar-se para uma nova forma de pensamento em que é possível dialogar com formas sobrenaturais, de modo que, aos poucos, os deuses serão refutados em nome de leis inerentes a sua própria natureza.

A criação do mito no pensamento grego

De acordo com a própria tradição filosófica, observa-se o mito enquanto uma manifestação cultural própria dos gregos. Os mesmos cantavam as suas tragédias com grande intensidade, e viam no mito uma forma de expressar a sua realidade interacional com o sagrado com narrativa dos feitos heróicos dos deuses e homens.

Foi no desenvolvimento de Tróia VI, que o primeiro objeto de significação político e econômico brota o encantamento do povo grego - o cavalo e mais posteriormente, o carro. Será este animal tomado como instrumento de tração que fará as rotas de comércio, o aparecimento de outros grupos, bem como a inteiração dos mesmos que florescerá as primeiras manifestações, que colocará o equino sob forma de divindade.

Outras criaturas sobrenaturais aparecerão para serem cantadas e apreciadas com a finalidade de transmitir aos homens exemplos de seus feitos, e desta maneira aparecerão na vida privada, quando as mulheres transmitem ensinamentos as crianças os anciãos, aos jovens, os representantes ao povo. Será nesta transmissão que a democracia começa a apresentar as suas primeiras sutilezas.

Nesta dinâmica de ouvir a narrativa - a ação de se permitir ouvir, a religião grega aparece com traços divergentes daquelas já vistas em outros povos. Não há representante detentor da verdade absoluta; de outro modo, todos aqueles que fazem parte daquele grupo são seres capazes de discutir e preencher de verdade aquilo que está sendo desvelado. Certamente, é por conta deste movimento de discussão que é na Grécia que aparece um sujeito interessado em suspender os sentidos de envolvimento com o divino, e a partir disto, começará discutir os limites da verdade estabelecida - Sócrates.

Contudo, será bem antes de Sócrates que o mito se desenvolverá sob a forma de poesia. O mito na verdade, passa ser cantado sob critérios estéticos rigorosos de modo que um mito estará ligado ao outro de forma significativa. a expressão grega fica cada vez mais distante de uma simples manifestação cultural, na qual certos autores a expõem enquanto mero entretenimento estabelecido entre os gregos.

Por conseguinte, observa-se o mito redirecionar-se sob a forma de teogonia e cosmogonia. Será nestas duas formas de narrativas que aparecerá a possível observação de formas seguras de racionalização do pensamento, sobretudo na cosmogonia. a escola jônia terão as suas origens a partir da explicação distante dos fantásticos conflitos estabelecidos entre os deuses, e sim bem próxima de uma racionalidade científica possível até então.

O mito enquanto base para o pensar filosófico grego

É consenso que a filosofia aparece com a racionalização do pensamento. Porém, é evidente que desde os primeiros filósofos gregos até Platão é notório a narrativa mítica enquanto recurso literário para a criação de formas geradoras de entendimento. Ora, Parmênides por exemplo, traz em todo seu poema mítico, elementos de uma construção filosófica. Vejamos:

Os corcéis que me transportam, tanto quanto o ânimo me impele, conduzem-me, depois de me terem dirigido pelo caminho famoso da divindade, que leva o homem sabedor por todas as cidades. Por aí me levaram, por aí mesmo me levaram os habilísimos corcéis, puxando o carro, enquanto as jovens mostravam o caminho. (Parmênides. Da Natureza. Tradução do Professor Dr. José Gabriel Trindade Santos. Modificada pelo tradutor. Primeira edição, Loyola, São Paulo, Brasil, 2002).

De acordo com Burnet, Parmênides foi o primeiro filósofo a escrever em formas de versos - semelhante aos mitos. De tal fragmento, é possível notar o cavalo enquanto objeto de divindade, e o que em linhas adiantes, o filósofo antigo mostrará o significado de doxa ou opinião. É neste sentido que é possível notar o entrelaçamento dos elementos míticos em detrimento aos critérios filosóficos estabelecidos pelos primeiros pensadores. Buscar a verdade já seria o primeiro e atual problema filosófico.

Remetendo-se ainda as palavras de Burnet, Parmênides não cita o termo “deus” em seu poema, sabendo que o filósofo buscava elementos ontológicos para alcançar aquilo que é. Partir de uma estrutura poética para evidenciar as questões filosóficas foi o que o principal expoente de Eléia procura estabelecer para criar um dos primeiros problemas ontológicos.

Em Platão, observa-se a construção de muitos mitos, com a finalidade de ser compreendido, transmitindo as suas ideias de justiça e ética a partir de uma narrativa que

transcende o real, mas evidencia as questões em que o homem grego se coloca em sociedade. Neste sentido, ainda é notória a função central do mito, evidente no cerne do modo de ser do grego - a narrativa que envolve certo nível do real, com o objetivo de transmitir aos jovens ensinamentos constituintes de um pensar próprio do homem grego.

Desta forma, fica evidente que apesar de perceber muitas manifestações que se aproximam do fenômeno mítico, tal qual ocorre com os demais povos antigos, é notório como mito se mistura com elementos religiosos, políticos, econômicos e morais nos gregos, diferentemente de muitos outros grupos, na qual a discussão não ocorrera de maneira consensual. Pensar a mitologia grega significa discutir orfismo, filosofia política e ciência sob a forma paralela, dentro do hibridismo cultural.

Quando o mito sai da cena filosófica clássica

A generalidade de senso comum impede, infelizmente, de perceber a relação existente entre o pensamento mitológico e o filosófico. Dentre os representantes do pensamento filosófico grego, Aristóteles se afasta de uma transmissão de pensamento a partir dos traços míticos e transpõe para uma sistematização do filosofar. Trazendo elementos de pesquisa científica para o seu próprio pensamento filosófico, estabelece uma análise significativa sobre a própria mitologia, porém sob uma ótica sistematizada acerca desta primeira manifestação do pensamento entre os gregos.

Para alcançar tal estabelecimento mítico, Aristóteles, a partir de Platão, identifica os gêneros literários ou os tipos de poesia, a saber, lírica, épica e dramática. Para alcançar a concepção de mito a partir do pensamento de Aristóteles, cabe aqui refletir os traços que o drama, e em última instância, a tragédia, como forma mais aprofundada do pensar poético do grego. Em Platão, é notória a relação que o filósofo estabelece entre o drama e a mera imitação. Não obstante, em Aristóteles, observa-se a mesma determinação que parte do primeiro filósofo citado, trazendo a elucidação de que os personagens agem a partir de si mesmos, independente da intervenção de um narrador – elemento este que caracteriza a epopéia, e em última instância, no próprio mito.

Sendo assim, observa-se a caracterização da terceira espécie de poesia imitativa sob a qual o filósofo perceberá uma imitação do objeto a partir da narrativa do poeta, assumindo outras formas – como é visto na poesia homérica, quando o poeta com a finalidade de transmitir um determinado ensinamento fornece outros objetos, neste caso personagens, para assumir a compreensão própria da primeira coisa pensada. Sobre isto, vemos nas linhas da Poética que:

Há ainda uma terceira diferença entre as espécies [de poesia] imitativas, a qual consiste no modo como se efetua a imitação. Efetivamente, com os mesmos meios pode

um poeta imitar os mesmos objetos, quer na forma narrativa (assumindo a personalidade de outros, como faz Homero, ou na própria pessoa, sem mudar nunca), quer mediante todas as pessoas imitadas, operando e agindo elas mesmas. (ARISTÓTELES, 1448a 19).

É sabido que o filósofo de Estagira desdobra o drama para a comédia e a tragédia. E será a partir deste gênero, o trágico, que Aristóteles levanta as diferenças entre a o gênero épico e a dramaticidade envolvida na comédia. Para Aristóteles, a poesia é uma dentre as formas de imitação das quais o homem se utiliza para recriar-se. Nela a arte é definida como mimese e, segundo Aristóteles, o ato de imitar é algo inerente ao homem, o que o diferencia das outras espécies.

Assim como Platão, Aristóteles chama a atenção ao fato de que os homens utilizam a imitação para iniciar o aprendizado das primeiras noções, além de se comprazerem no imitado, pois a imitação suscita o diálogo e o aprendizado. O drama é uma forma de arte que imita a ação por meio da palavra e, por isso, segundo ele, tais composições se denominam dramas, pelo fato de se imitarem agentes [dróntas] (ARISTÓTELES, 1448a 29). Todavia, os personagens agentes agem naturalmente, com vícios ou virtudes, a partir de sua baixa ou elevada índole; e também assim será a imitação de suas ações. Assim sendo,

[...] Como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude], necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós (ARISTÓTELES, 1448a 1).

Em linhas gerais, um pouco sobre o pensamento e vida de Albert Camus

Influenciado diretamente pela escola de Frankfurt, Kierkegaard e Nietzsche, coloca em ponto proeminente a questão existencial porque ele acreditava que a questão existencial poderia sucumbir o próprio existencialismo enquanto corrente filosófica. Camus procura sintetizar estes dois conceitos a partir da ideia do absurdo. O filósofo parte do pressuposto que o existencialismo filosófico traz a tona o conhecimento de si, no sentido que a própria consciência se coloca em um local permissivo a ponto de provocar a própria morte. Em linhas mais adiantes, é possível compreender o porque que o suicídio é um dos temas centrais do pensamento de Camus e o seu afastamento da própria escola filosófica que a pertencia.

Como pode um pensador do início do século XX, fortemente influenciado por um embasamento político, a partir da reorganização de Estados, mudanças de paradigmas

e formas contemporâneas de pensar a a própria realidade de seu tempo, é capaz de extrair-se de tais elementos e alcançar uma forma de ver o mundo própria dos gregos e a partir da realidade dos gregos. Será neste contexto que Albert Camus, interligado fortemente no pensamento romântico alemão, que descreve o mito de Sísifo, em que os deuses ganha forma elementar e decisiva em relação ao que se observa em detrimento de um ser comum, porém corajoso como Sísifo fez-se representar.

É imprescindível refletir sobre a contribuição do autor de Sísifo se não olharmos para o contexto de vida de Camus. Cercado por tragédias familiares, tal como a perda de seu pai, uma existência desafortunada de recursos financeiros, além de ser afetado por uma grave tuberculose. Ainda assim, não abriu mão de pensar a sua vida e o contexto citado anteriormente e trouxe uma obra que cercada de indignação, exaltou formas de pensar o seu próprio tempo, “bebendo na fonte” dos gregos para significar o seu próprio tempo.

Ao que parece, o Mito de Sísifo auto representa enquanto obra mais ideológica que mitológica propriamente dita. Sendo assim, tem-se a tentativa pelo autor de emergir a ideia do homem que, por mais que tente transpassar as instâncias superiores (que no caso do mito são representados pelos deuses), é possível compreendê-lo como os sujeitos que o próprio Estado enquanto divindade superior delega as certas criaturas humanas, o poder de divindades, ou seja, a decisão sobre a vida deste ou daquele ser. Neste sentido, o mito aparece de fato enquanto ideológico, por denuncia a luta de classes e o castigo como forma própria de repressão àquilo que está sendo dito ou praticado pelo sujeito que em algum momento de sua existência será oprimido. Assim, é possível observar uma mediação entre o processo de narração mítica com traços propriamente gregos, ao mesmo tempo em que se observa a contemporaneidade da luta de classes, fenômeno evidenciado na passagem do século XVII ao XX desta era.

De encontro com a sensibilidade de sentidos que o autor deleita-se ao escrever este mito, dirige-nos mais ao olhar artístico que o pensar filosófico, no sentido que Camus traz de informação a sua temporalidade com riqueza de pensamento – fato este que muitos filósofos alcançam mais a atemporalidade de pensamento, retornando a tradição para fundamentar o seu processo de filosofar que propriamente uma absorção própria de seu tempo. Desta maneira, é possível voltar os olhos para Nietzsche, no sentido que este filósofo voltou o seu olhar para a estrutura do construir a tragédia pelos gregos, o filósofo passa a tomá-lo para a si e trazer a indignação com a sociedade de seu tempo, mas que também pode exaltar a própria sociedade grega. A divergência criada aqui entre os dois filósofos diz respeito então para a relação imediata que o primeiro faz ao poema grego propriamente dito, mas que não está imediatamente ligado aos elementos filosóficos clássicos. Enquanto o filósofo que passeia entre a filosofia moderna

e contemporânea, deleita-se para a exaltação do pensamento grego, valorizando em tamanha proporção que faz com que o seu pensar contemporâneo, a sociedade alemã de seu tempo, esteja em um marco desqualificado, de profundos traços corruptos de desvalorizáveis de sua própria realidade.

É com esta apresentação que este ensaio inicia-se com o propósito de abrir a reflexão milimétrica dos elementos do Mito de Sísifo. Olhá-lo com o sentido ideológico favorece sensivelmente as possibilidades perceber a aproximação histórica e contextualizada com o pensamento contemporâneo ocidental com o pensamento sofisticado dos gregos, modo de ser extremamente difícil de visualizar, em última instância, de percebê-lo, haja vista a diferença sensível entre a estrutura que envolve religião, mito, política e filosofia.

O caminho entre o mito e a filosofia do absurdo

Publicada em 1942, retrata a filosofia do absurdo, corrente esta que esboça uma crítica a outras formas de concepção filosófica, na qual o centro do livro – o mito de Sísifo – encontra-se no capítulo 04 da própria obra de Camus. Trazendo um sentido elementar que se esbarra ao existencialismo e ao trágico grego, releva ao que tem o sujeito no sentido de existir no sentido de rolar a própria pedra, e este ato de rolar este grande objeto trará ao homem um sentido de existir a partir de sua própria repetição do agir de si mesmo. Desta maneira, temos os elementos filosóficos essenciais para discutir cada sentido envolvido no decorrer da narrativa mítica do século XX.

Rolar a pedra ao topo da montanha – o tempo, a tragédia e o absurdo fazem sentido no contexto do próprio mito na qual o homem de hoje não se constitui no homem temporal a Camus e sim do homem de hoje que se coloca em micro-conflitos diários que permanece repetitivo. Em outras palavras, o homem do entre guerras, sobretudo o europeu, estava imerso entre duas grandes guerras, em que lutar a favor de sua própria vida, era sua necessidade urgente, pois os “deuses” em sua tamanha crueldade não enganavam, ao contrário, revelava em verdade expressa a intenção de extinção àqueles que não se adequavam ao modo de ser estabelecido para o seu próprio tempo. Em contrapartida, nos nossos dias, o controle dos corpos é feita de maneira velada de grandes sutilezas demonstrando o homem dos dias de hoje uma liberdade jamais experimentada ao longo dos tempos. A aparelhagem, a expressão e o consumo são elementos integradores de uma forma social que autoriza o sujeito a ser individual, embora esteja colocado em uma multidão de iguais. É neste sentido que para o filósofo tem-se a igualdade dos seres iguais e a diferença com Sísifo, pois o mesmo dialoga e confronta os deuses, e por este fato recebe o castigo.

Este mito chama a atenção também para a questão da morte, levantando indagações, tais como “Qual é o sentido da vida?”, “Como se dá o fim para o sujeito?”, e finalmente, “A morte é fato inevitável a todos os indivíduos – inclusive a mim?”. No pensar do caso isolado de Sísifo, que está condicionado a rolar eternamente a pedra e à própria pedra, que nos dias de hoje já não pertence ao operário fabril e sim ao setor de serviços, em uma sociedade de consumo. Tão logo eu possuo um novo aparelho de celular, surge um i fone, com novas características mais interativas e agradáveis aos olhos – tão agradáveis que me trás a vontade de possuí-lo, e me obrigando a preparar-me a mais uma vez a acumular dinheiro, a vender o novo antigo celular, ou até mesmo a enfrentar os juros exorbitantes que me obrigam a trabalhar mais para consumir mais. Está aí mais uma vez, rolando a pedra da necessidade de me satisfazer ao consumir, mas nunca chegarei ao alto, e sim irei rolar para a base do morro junto à pedra, com a finalidade de estar satisfazendo as minhas vontades concretas.

Este exemplo é uma das formas possíveis de pensar o mito, se colocarmos nos termos da atualidade. Visto que o panorama do mundo modificou-se sensivelmente no decorrer do século XX, ao início do século XXI, é necessário estabelecer os caminhos de ida e volta histórico-filosófica em detrimento da postura dos dois homens se coloca diante do mundo – ou o que se acredita colocar-se diante do mundo, em relação ao que o homem possibilita a reflexão sobre o próprio mito. É necessário advertir que o homem do mito, Sísifo, é diferente dos demais, no sentido que ele olha para os deuses e, por conseguinte, alcança os o conhecimento essencial para enganá-los, de forma que o conhecimento do existir, do trágico e do absurdo o coloca na condição de ser diferenciado dos demais, e que para esbarrar a Hermes, ele conseguiu superar a outros deuses, e só por este feito, o coloca em um caráter especial, de forma superior aos outros homens.

O sentido trágico aparece quando se dá conta ao absurdo da repetição, seria a vida de todos, buscando o sentido da vida, dando-se conta de uma eterna repetição e o ponto final seria a morte. O conceito de dar-se conta é o momento em que o homem se dá conta de sua existência sem Deus. Daí aparece o absurdo, no sentido que ele olha para si observando a sua própria repetição. Sendo assim, o absurdo é trágico, no sentido que é constante ida e vinda, é o retorno a prática incessante de ser humano, é o modo de fazer que de um ou outro jeito seja o mesmo. É humano e incessante na qual o rompimento com esta face seria suicídio, não aparecendo aqui sob uma forma de niilismo e sim como uma ruptura. A existência trágica em que o homem se coloca na condição de escravo de si para então fazer-se escravo do mundo – dos “deuses”, tomando-o enquanto redentor de sua própria existência.

A condição de Sísifo para Camus é o absurdo é o único absoluto também é uma forma de alcance a consciência a que se distancia do tempo e do eu que se reflete

diferentemente do homem – é a condição de Sísifo. Na verdade, Sísifo não era o homem comum, e sim, o homem que alcançou o trágico por consequência de sua postura diante dos deuses e seu castigo recebido por Hermes. Olhar para o trágico, o repetir subir a pedra ao morro parece significar a Sísifo um momento de intensa reflexão sobre a sua própria vida de tentativa de superação. O sentido do trágico, no entanto, ao absurdo da repetição, seria a vida de todos, buscando o sentido da vida, dando-se conta de uma eterna repetição e o ponto final seria a morte. O conceito de dar-se conta é o momento em que o homem percebe a sua existência, na qual Deus é um ente opcional. Daí aparece o absurdo no sentido que ele olha para si, observando a sua própria repetição. O absurdo então é trágico.

Neste sentido, o absurdo é constante ida e volta, é o retorno a prática incessante de ser humano, é o modo de fazer que de um ou outro jeito será o mesmo. É humano e incessante, na qual o rompimento com esta face seria o suicídio. Este ato de por fim a própria vida, não aparece aqui sob uma forma de niilismo e sim como uma ruptura a existência trágica, em que o homem se coloca na condição de escravo de si para então fazer-se escravo do mundo – os deuses, tomando-o enquanto redentor de sua própria existência.

A condição própria do absurdo de Sísifo

Para Camus, o absurdo é o único absoluto, e também uma forma de alcance da consciência que se distancia do tempo e do eu que se reflete diferentemente do homem – é a condição de Sísifo. Na verdade, o personagem de Camus não se constitui como um homem comum e sim, o homem que alcançou o trágico, por consequência de sua postura diante dos deuses e seu castigo recebido por Hermes. Olhar para o trágico, o repetir e subir a pedra ao morro parece significar a Sísifo um momento de intensa reflexão sobre a sua própria vida na tentativa de olhar-se para o absurdo.

Para tanto, Camus chega a tratar a questão do absurdo sob a ótica cômica para caracterizar as imagens violentas na condição de espelhos do homem. Uma destas imagens coloca a concepção do sublime em contra posição ao ridículo. Um exemplo ilustrativo para este paralelo seria um homem com uma pedra pronto para atirá-la, cercada por um exército armado com metralhadoras. Neste sentido, Camus irá chamar esta oposição de cômico original enquanto a comparação efetiva entre o ridículo e o sublime. Dada tal contextualização, Sísifo aparece enquanto traço marcante daquilo que foi chamado de absurdo. O destino de Sísifo demonstra a desesperança em que o homem se coloca para dar sentido a própria vida.

Este é o ponto central do pensamento do filósofo dramaturgo, seguida a crítica em torno da corrente existencialista. A pergunta a respeito do suicídio, trás a tona a seguin-

te questão: Se sou ateu, estou livre de qualquer punição ou sanção de ordem religiosa, por que o suicídio não pode apresentar-se enquanto solução dos problemas ou mazelas expostas diante do absurdo da existência? Na verdade, o que Camus está procurando buscar é a confluência entre o racional e o irracional. Neste sentido, o homem é o próprio ente racional e o irracional é o mundo nele mesmo. Neste sentido, é possível compreender o ato do suicídio enquanto o encontro do homem com o mundo ou a junção do racional com o irracional, enquanto aquilo que não existe. Desta forma, o nome dessa confluência seria o próprio absurdo.

Desta forma, a questão do suicídio é colocada por Camus enquanto solução para a superação da mazela do absurdo na qual o filósofo se coloca mediante ao que existe no agir do homem. Sendo assim, o ato de a pedra rolar sobre Sísifo no alto da montanha o livraria de seu destino desafortunado de continuar levando a pedra ao alto. Contudo, esta solução é irracional, no sentido que o mundo determinará, e sim a sua própria razão humana que permitirá não a Sísifo a subir a montanha e permanecer vivo.

O ponto fundamental da crítica de Camus é a de superar esta dualidade oposicional entre racional e irracional. É o que o autor chama de subterfúgio, provocando ao leitor e a si mesmo a ficar sem saída, a não ser admitir que o absurdo é arbitrário e que toda forma de concluir isso, o sujeito entra na condição de condenado por Hermes, que como Sísifo, está procurando rolar a própria pedra ao alto. Porém sem alcançar o sucesso esperado. É nesta triste, porém cômica atmosfera que os homens sem esperança se inserem. Assim como no mito da caixa de Pandora, a esperança persegue o homem motivando Sísifo a voltar a rolar e a rolar novamente a grande a bola de pedra para o alto da grande montanha.

“Ser consciente da própria vida em um grau máximo, é viver ao máximo”. O filósofo dramaturgo pretende chamar a atenção nesta afirmativa para a completude absurda em que a vida se encontra. O que parece aqui que o filósofo sugere que é necessário conhecer o absurdo da vida, para empurrar a pedra com força máxima. Como já foi dito, Sísifo constitui enquanto o homem diferente dos demais. Ele experienciou o grande absurdo de empurrar a pedra eternamente aproveitando a sua existência que beira o cômico. Por este motivo não apareceu alternativas diferentes de empurrar a pedra eternamente, aproveitando a sua existência, na qual não poderia fugir de sua condenação, pois caso ocorresse fuga, haveria o encontro entre o racional e o irracional, em outras palavras ocorrera o suicídio. Mas o nosso herói mitológico aceitou a condenar-se a viver o absurdo, pois o que é compreensível no mito, é que Sísifo foi condenado, mas provando inteiramente o absurdo de sua própria existência.

O devir a partir da realidade da sala de aula

O tema do mito, embora seja “anterior” ao que se chama de espanto filosófico, é uma disciplina que se faz necessária antes mesmo ao atrevimento de se fazer filosofia em sala de aula. No entanto, jamais elucidou que seria possível apresentar uma experiência filosófica até a mesma surgir em sala de aula. Como o próprio Aristóteles nos chama a atenção, logo nas primeiras linhas de sua Física, o que vemos é de fato uma repartição de um todo (o conceito) em partes (fragmentando-se nas suas mais variadas características). O que temos então é um desvelar-se de todos os sujeitos em sala de aula: é a possibilidade de um fazer real filosófico entre os mesmos que aparecerá o fio condutor para elucidar a questão filosófica a partir do estudo dos mitos.

Tal fio condutor será estabelecido de acordo com a estética do professor: é notória a condição diferenciada que a filosofia deve ocupar-se em sala de aula. Se o professor está interessado em superar alguns rótulos pseudo acadêmicos, será necessário o mesmo colocar-se enquanto aquele que irá fazer de sua sala de aula um ambiente diferenciado. O que se procura colocar aqui diz respeito a sua própria postura, ele deverá de fato contar uma história, em um tom extremamente “sedutor”, na qual as suas palavras ganhem tom de canto e que seja audível em boa parcela do grupo. Fazer com que o aluno desperte para a sua própria curiosidade, esquecendo-se que a sua tarefa ali se restringe ao “preparo para o exercício da cidadania e estudos posteriores”. Esta empreitada depende da boa vontade do professor em trazer aos seus alunos para o encanto da filosofia.

Firmado as ideias expostas em relação ao ato de subir a montanha exposta no mito contemporâneo, nos resta agora traçarmos uma reflexão à prática do existir na ação do construir ou fazer ensino. Neste sentido, o que se pretende é elucidar a relação entre o existir individual e o existir profissional, partindo de um pressuposto de que o sujeito assume papéis sociais, sendo obrigado a rolar as pedras ao alto das montanhas variadas vezes. Se afirmarmos tal pressuposto será necessário concordar com o fato de que Sísifo pode ter sim aceitado a sua condenação para estar mais em si mesmo que nos outros, uma vez que o personagem superou variados deuses, poderia também ter enganado a Hermes.

A quantos seres considerados “superiores” o professor necessita enganar ou superar para realizar a sua prática. Quantas batalhas são necessárias estabelecer para finalmente conseguir culminar uma ou outra atividade. Independente da disciplina, o professor permanece imerso em um devir existencial, na qual o professor se coloca em uma constante reflexão em que o mesmo não é capaz de extrapolar a sua própria tragédia existencial. O absurdo reside na permanência do mesmo, na qual o homem se coloca

obrigado a subir a pedra ao alto. O leitor deve estar pensando sobre a relação entre o professor e Sísifo, mas a diferença torna-se evidente na atribuição dada ao personagem de Camus e a figura do mestre dos dias atuais. Sísifo era rei considerado o mais esperto e habilidoso, em contrapartida, o professor é considerado aquele que a pedra já rolou sobre ele, neste caso é o suicida.

Como foi dito, o suicídio é uma alternativa aparente ao indivíduo, e não a coisa atribuída. Sendo assim é incompreensível que o mestre se coloque em uma condição na qual se permita ser visto e sentido enquanto desistente de sua própria existência. Como Camus coloca isto é, o absurdo que beira ao cômico, no sentido que aquele que desempenha a função essencial do ensino, necessita auto afirmar-se enquanto sujeito do conhecimento e de si mesmo. É inerente ao homem rolar a pedra, então é necessário rolar a pedra como Sísifo, quando completo de si mesmo, passa a eternidade levando a pedra para o alto sem sucesso relevante. Contudo é tarefa necessária com a finalidade de travar o exercício da própria existência, no sentido que fazer ensino significa justamente tentar repetidas vezes, e não acertar de imediato.

O devir necessita estar presente na vida de quem está consciente da ação de rolar a pedra ao alto da montanha. É preciso ter em mente sobre o percurso árduo que se faz entre a base da montanha e o alto inalcançável que proporciona ao sujeito da ação atitudes significativas fazendo com que ocorra a apreensão de novos saberes amenizando cada vez mais o castigo oferecido. Parece ser esta a forma existencial mais amena de superação do sentimento do trágico, aproveitando significativamente os itens colocados por cada grão de areia, cada elemento constitutivo da própria ação.

Considerações finais

Este ensaio constitui-se em si mesmo o ato de subida e descida da pedra. Procurar alinhar a filosofia contemporânea enquanto própria ação mitológica é em última instância uma aventura proeminente, na qual o saber se coloca em um ponto e a vontade de fazer uma filosofia acessível em muitos outros pontos do texto. Desta maneira, torna-se evidenciada um fazer filosófico atemporal, que se dá conta a partir dos elementos da filosofia clássica, transportando a quem o lê saltos históricos filosóficos, que se desenlaçam com sentido substancial.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. **O Mito de Sísifo: A decisão de viver ou suprimir a vida.** Filosofando: Revista de Filosofia da UESB. Ano 1 Número 2. Julho-Dezembro De 2013. ISSN: 2317-3785

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

ARISTÓTELES. **Física I e II.** Prefácio, tradução, introdução e comentários, Lucas Angioni. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2009.

BRASIL, Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Ministério da Educação, 1999

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica.**

———. *Orientações curriculares para o ensino médio*; volume 3 **Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALLO, Silvio, KOHAN W. O. **Filosofia no Ensino Médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

Jaspers, Karl. *Iniciação Filosófica.* Guimarães Editoria: Lisboa, 1961.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Porto Alegre: Contrabando, 1998.

PLATÃO: **Mênon.** Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

———: **A República.** Trad. Guinsburg, J. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** São Paulo. Abril Cultural, 1973.